

Introdução

Esta coleção de textos surgiu a partir de debates gerados no grupo de pesquisa **Educação de Jovens e Adultos e Educação Popular: a pesquisa a serviço da prática educativa**, na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, a fim de discutir as experiências escolares dos sujeitos e sua relação com o saber. Assim, contemplamos, inicialmente, para esta construção textual, autores como Charlot (2000), Dimenstein e Alves (2003), Morais (1988) e Hannoun (1998). Nesse sentido, travamos uma discussão sobre os desafios da educação de jovens e adultos que nos reportou aos processos individuais de escolarização, provocando-nos a escrever sobre as nossas primeiras experiências discentes em sala de aula.

O estudo desses autores foi enriquecendo a escrita individual dos relatos com a perspectiva de que, talvez olhando para os nossos próprios dilemas, e também devido à nossa origem popular, isso pudesse abrir janelas para que pudéssemos entender as próprias dificuldades de muitos alunos que, hoje, estão tentando sobreviver nas escolas. Alguns autores optaram por deixar fluir livremente as memórias sem entrelaçá-las, explicitamente, com os teóricos. Nestes textos, o exercício de análise vai ficar para o leitor atento e perspicaz.

Assim, revisitar as memórias escolares foi um desafio aos integrantes do grupo, pois contamos histórias revividas, enredadas por lembranças afetivas, situações de sucesso e fracasso escolar, episódios que marcaram a vida e a trajetória escolares e profissionais desse grupo de educadores. Desafio porque as roupagens que envolvem essas memórias são complexas. Ora elas chegavam trazendo lembranças saudosas e lúdicas, ora momentos de dor e sofrimento, sendo lançados aos membros do grupo com emoção e saudados pela coragem com que seus autores estariam mobilizando o exercício de revisitá-las. Essas histórias deixaram lições, ensinamentos e, em muitas situações, marcas que o tempo teima em não apagar.

Algumas premissas são comuns aos textos: trata-se de um grupo que tem suas origens nas classes populares, com trajetória de estudos na escola pública, sendo esta vista como uma alternativa para o “mudar de vida”, um caminho para “ser gente”. Pessoas que, com muita perseverança, buscaram “móviles” e estratégias diversas para conseguir sobreviver a uma realidade de negação de direitos sociais, culturais, educacionais e econômicos.

Os artigos que ora apresentamos quebram o silêncio de crianças, talvez ingênuas e indefesas, hoje adultas e em busca da crítica. O silêncio, como evento geral a ser quebrado,

atravessa as evocações e memórias que são plurais e particulares. O silêncio, no singular, aponta para a história da educação, onde estão os seus fios vivos por nós eternizados em nossa participação particular.

Alguns textos, inclusive, relatam episódios que, hoje, se configuram, na legislação brasileira, como episódios de violência institucional e simbólica explícitas, mas, dialeticamente, também incorporam daquele tempo episódios de muita ternura e aprendizagem, onde o estar com o outro (colegas ou professores) no ambiente escolar se constituía em aprendizagem significativa e carinhosa. Também se evidencia, no conjunto da obra, que é a afetividade (ou ausência desta), estabelecida nas relações entre os atores do ambiente escolar, que determina as lembranças significativas e marcantes da trajetória escolar e que as memórias lúdicas estão mais relacionadas aos momentos vividos fora da sala de aula (recreio, pátio).

Em todos os relatos, faz-se marcante a presença do professor na construção dessas memórias (tristes ou alegres). Não importando a idade, a relação **aluno – professor – aprendizagem** pode ser conflituosa ou prazerosa. As narrativas ressaltam que alguns autores conseguiram ressignificar as experiências de fracasso em contato com outros profissionais, havendo estas se transformado em “cura” para seus traumas escolares. No entanto nem todos tiveram essas oportunidades, algumas histórias ficaram entreabertas.

É visível, também, a influência da cultura familiar. Os atores, em boa parte, são filhos de professoras, ou têm origem em famílias humildes, com pais que incentivavam o estudo, mesmo sendo nada ou pouco escolarizados; pais que viam na escola uma possibilidade para que os filhos pudessem ir além do que eles puderam alcançar.

Atualmente, o grupo **Educação de jovens e adultos e educação popular: a pesquisa a serviço da prática educativa** – originalmente denominado **EJA em Ação** e que se reúne desde 2014 – está registrado no diretório de pesquisa do CNPQ e possui um calendário de reuniões quinzenais, pretendendo dar continuidade às suas reflexões e produções textuais, voltadas para a proposta de refletir práticas de Educação Popular nos espaços formais e não formais de ensino, principalmente nos espaços de Educação de Jovens e Adultos, com o objetivo de fortalecer a pesquisa e usá-la a serviço da prática educativa. Por fim, desejamos que esta coletânea venha contribuir com processos de emancipação e autonomia que passam pela reinvenção do espaço escolar.

Flávia Sousa de Sena
Luiz Gonzaga Gonçalves
Patrícia Fernanda da Costa Santos

Referências

CHARLOT, B. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DIMENSTEIN, G. e ALVES, R. **Fomos maus alunos.** Campinas: Papirus, 2003.

HANNOUN, Hubert. **Educação:** certezas e apostas. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

MORAIS, Regis (Org.). **A Sala de Aula:** que espaço é esse? 3. ed. Campinas, SP: Editora Papirus, 1988.